



RELATÓRIO ESPECIAL

O contributo chinês para a remodelação do modelo económico latino-americano

Madrid, março 2016

d+i desenvolvendo
ideias
LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO
2. CHINA E O SEU PODERIO NO ATUAL CONTEXTO INTERNACIONAL
3. O QUE SE PASSA COM A CHINA?
4. DA DESLOCAÇÃO DA RIQUEZA MUNDIAL À DESLOCAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL II
5. DIVERSIFICAÇÃO, CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO: CHAVES PARA A RELAÇÃO AMÉRICA LATINA/ CHINA
6. QUE PAPEL TEM A CHINA NA TRANSFORMAÇÃO DO MODELO PRODUTIVO?

O objetivo deste relatório é apresentar diferentes aspetos da relação China/América Latina. Um destes é demonstrar a importância da mesma e a sua evolução em apenas 15 anos. Outro é que tudo indica que esta relação será longa no tempo e que nenhum dos dois agentes pretende renunciar à mesma, nem nos momentos mais difíceis, como o atual.

Ambos os aspetos, por sua vez, estão relacionados com a “deslocação do centro de gravidade mundial” das economias desenvolvidas para as emergentes, entre as quais se destaca a China. Alguns analistas negam que a China vá ser a única potência mundial. Outros ainda duvidam do poderio chinês e não deixam de o considerar como passageiro. A região latino-americana, contudo, parece conhecer muito bem, pelo menos, os benefícios que implica ter a China como parceiro, tanto pelo seu imenso mercado e volume de procura, como pelas possibilidades de investimento que oferece. Além disso, também não considera que esta relação seja temporária, mas sim o contrário, pois na região entende-se que seria um parceiro a longo prazo. Isto é demonstrado pelo facto de o seu crescimento, nestes anos, se dever principalmente ao intercâmbio comercial com esta grande potência, mas agora, em tempos de crise, quer continuar a contar com o gigante oriental, pois considera que a cooperação e relação comercial e financeira com a China é transcendental para superar a situação atual.

A história das relações com a China é recente, mas realmente intensa. Desde 2003 até à atualidade, ocorreu um período de expansão e crescimento comercial espetacular, que proporcionou extraordinárias receitas à região latino-americana, com outra cadência pela crise económica, em boa parte devido à descida deste intercâmbio comercial, gerando uma importante desaceleração no ritmo de crescimento latino-americano.

A análise destas relações permite revelar os problemas de um modelo de desenvolvimento económico assente na região, desde o século XIX, baseado na exportação de matérias-primas, que, embora lhe tenha proporcionado grandes benefícios, em diferentes épocas, tem importantes limitações. E foi com esta base que se desenvolveram as relações com a China.

**“China é a única
potência capaz e
interessada em
cooperar”**

No momento em que descem os preços das matérias-primas, pela situação internacional e, mais recentemente, pela conjuntura chinesa, é quando novamente se destacam os problemas estruturais de economias pouco diversificadas, cujos produtos de exportação carecem de valor acrescentado e têm pouca produção industrial local.

Neste momento, todos estes problemas são mais evidentes do que nunca e as principais propostas desenvolvidas para superar este modelo económico baseiam-se na diversificação económica, através do investimento em tecnologia e conhecimento, infraestruturas, logística e serviços com valor acrescentado, conseguindo uma economia circular, não meramente extrativa.

Para esta nova fase, além das necessárias reformas estruturais para criar um modelo mais competitivo, há que contar com a cooperação chinesa que, por seu lado, manifestou o seu compromisso para contribuir para a transformação deste modelo económico. Agora, para além da retórica, há que ver se os projetos de cooperação assinados entre a China e os países da região, e com a CELAC, são colocados em prática. Para tal, existem muitas expectativas em redor da China, porque neste momento não é possível esquecer que é a única potência capaz e interessada em fazer isso, mas, sem dúvida, a principal responsabilidade associada será dos latino-americanos.

“O aumento da importância económica do Sul nem tenha uma vida breve nem seja reversível”

2. CHINA E O SEU PODERIO NO ATUAL CONTEXTO INTERNACIONAL

Qualquer aproximação à China proporciona de imediato dimensões extraordinárias. Contudo, se observarmos os seus dados económicos em relação ao resto do mundo, talvez possamos ter mais uma ideia da importância que tem atualmente a economia da China, por si própria e, sobretudo, para o resto da economia mundial.

O peso mundial do gigante asiático remete para uma nova configuração internacional, onde há que destacar a “subida do Sul”¹. Nos últimos anos, ocorreram importantes mudanças que modificaram o panorama económico global, invertendo-se a ordem existente tradicional. Tanto assim que, neste novo contexto, as taxas de crescimento do Sul são bastante mais elevadas do que as do Norte (os conhecidos até agora como países desenvolvidos). Contudo, as mudanças não são unicamente de carácter quantitativo, pois também ocorreram mudanças estruturais. Daí que tudo indique que a presença do Sul ou dos países emergentes vá ser meramente conjuntural. Neste momento, não parece que possa ocorrer uma mera volta ao passado,

embora haja mudanças. Embora recentemente, as economias emergentes marcaram as tendências económicas globais e no centro de todos estes processos está a China.

Há que insistir no novo contexto económico internacional e na sua permanência, já que este processo permite entender a centralidade que ocupa a China e o interesse da América Latina em ter um parceiro como este, não apenas a curto, mas também a médio e longo prazo.

Os números realmente surpreendem. O aumento da importância económica do Sul talvez tenha vindo para ficar: é provável que nem tenha uma vida breve nem seja reversível. Apesar de as previsões económicas a longo prazo serem muito incertas, as atuais projeções indicam que o Sul continuará a ganhar importância na economia mundial. De acordo com os “Horizontes do desenvolvimento mundial 2013”, do Banco Mundial, a participação do Sul no PIB global chegará a 55%, até 2025. Um relatório de 2012 do U.S. National Intelligence Council prevê que esta quota chegue a 70% até 2030. O Banco Asiático de Desenvolvimento calcula que a percentagem das exportações do Sul aumentará até 64% das exportações globais até 2030².

¹ As principais economias do Sul seriam, além da China, Brasil, Rússia, Índia e África do Sul.

² *América Latina e a ascensão do Sul. Novas prioridades num mundo cambiante*, Grupo Banco Mundial, 2015, <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/21869>, p. 3.

“Se teme que uma possível crise da China arraste o resto da economia mundial”

A China, que ostenta a liderança destas economias emergentes, expressa muito bem a evolução destes países. Desde 1978, quando o país começou as suas reformas de liberalização económica, a sua economia tem crescido ininterruptamente a uma média de 10%. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em 2015, a economia chinesa foi a maior do mundo, medida em paridade do poder aquisitivo. Por si só, supera as da Alemanha, França e Itália juntas.

Os dados do seu volume comercial também nos proporcionam uma ideia da grandeza da sua economia, já que atingiu valores espetaculares, baseados na exportação de manufaturas a baixo custo e na importação de todo o tipo de produtos energéticos, minerais e bens de equipamento necessários para o desenvolvimento industrial, assim como alimentos e bens de consumo para abastecer o aumento da procura interna.

Com este padrão de intercâmbio, em 2013, converteu-se no primeiro país em intercâmbio de mercadorias. Este lugar foi conseguido em tempo recorde, já que a China aumentou a sua quota sobre as exportações mundiais de 3,6%, em 2000, até 12,4%, em 2014, tendo multiplicado as vendas para o exterior 9,4 vezes nesse período. Por sua vez, as importações aumentaram de 3,3%, em 2000, até 10,3%, em 2014, e multiplicaram-se por 8,7 vezes.

Contudo, apesar destes anos de crescimento espetaculares, desde 2012 que os dados de crescimento sofreram uma descida que preocupa muitas zonas do planeta. Tanto que, de forma generalizada, se teme que uma possível crise da China arraste o resto da economia mundial. Contudo, não podemos esquecer quais continuam a ser os níveis de crescimento, apesar da desaceleração económica chinesa. Da média dos 10,5% suportados entre 2001 e 2010, em 2014 este índice desceu até 7,4%. A previsão para este ano é uma descida até 7% que oscilará entre 6 e 7% durante o resto da presente década.

Sem dúvida que existe uma mudança significativa no ritmo de crescimento, mas não deixam de ser índices nada desprezíveis, se comparados com o crescimento praticamente nulo dos países desenvolvidos, desde 2011. O país que mostrou recentemente maior dinamismo e superou o resto dos países desenvolvidos foram os Estados Unidos, mas o seu crescimento médio em 2014 foi de 2,4%, muito abaixo dos índices chineses.

De acordo com estes dados, parece que o debate sobre se a China será ou não o grande hegemónico que acabará por substituir os Estados Unidos perde um certo sentido. Esta é uma discussão muito desenvolvida e eterna que apenas a realidade acabará por revelar. Certamente que não parece que o poder internacional vá concentrar-se num único polo

**“China é a escolhida
como parceiro
preferencial”**

de poder. Há alguns anos que nos encontramos num mundo multipolar, certamente imperfeito, mas sem dúvida que o futuro está naqueles, e não naquele, que estabelecerão as regras económicas, políticas e militares no mundo. Entretanto, o que é evidente é que ninguém pode prescindir da China e, com bom critério, a América Latina não tem nenhuma dúvida a este respeito. O poderio chinês e as compatibilidades entre ambas as regiões alimentam um interesse mútuo. Se a isso somarmos a situação económica dos países do Norte e o espaço deixado, por estes, na região³: A China é a escolhida como parceiro preferencial.

3. O QUE SE PASSA COM A CHINA?

Se, de facto, as economias latino-americanas puderam desfrutar de uma década de crescimento inédito, foi, em boa medida, graças à procura de matérias-primas do mercado chinês. A sua insaciável procura deste tipo de produtos foi determinada pelo modelo de desenvolvimento industrial que, até há pouco tempo, caracterizou este país oriental, até 2012, quando iniciou uma mudança nesse modelo ao considerar-se que aquele que tinha não era sustentável.

Esta reestruturação do modelo económico do gigante asiático significou abandonar um tipo

de desenvolvimento, até agora intensivo, baseado numa indústria manufatureira, de produtos com pouco valor acrescentado e investimento estatal, o que converteu o país num grande consumidor de matérias-primas, como petróleo, cobre ou ferro. Agora, Pequim pretende que a sua economia cresça de forma mais sustentável, com prioridade para o setor dos serviços e o consumo dos seus cidadãos. Aspeto que necessariamente contraiu a procura das matérias-primas e os preços das mesmas.

A situação gerada por esta mudança de modelo económico foi qualificada de formas muito diferentes. Muitos denominaram-no como crise (“travagem”, “tropeço”), outros como transformação socioeconómica e as autoridades chinesas como “nova normalidade”. Dependendo de como estiver a ser este momento de mudança na economia chinesa, não é por casualidade que as reações estão a ser diferentes.

Aqueles que consideram que é uma crise, por momentos chegaram a mostrar até pânico, ao supor que a economia chinesa arrastaria a economia mundial para o desastre. Ao ponto de o próprio Paul Krugman ter querido passar uma mensagem tranquilizadora. O prémio Nobel considera que a China representa cerca da quarta parte do fabrico mun-

³“O futuro da América Latina... está no Pacífico?: a história de como a China ocupou um espaço deixado ao abandono”, ARI, 58/2015

“Se realmente a economia chinesa arrastasse o resto do mundo, não haveria um plano B”

dial e, portanto, tudo o que ali acontece terá consequências para o resto do mundo. Calcula que uma descida drástica das importações chinesas não paralisaria todo o mercado internacional e que, em relação aos fluxos financeiros, os chineses possuem controlos de capital, pelo que, perante a descida das ações ou até os não pagamentos da dívida interior, existiriam poucos efeitos secundários diretos na economia internacional.

Não obstante, o seu comentário final é menos tranquilizador, já que Krugman não deixa de admitir que esta não é mais do que a sua apreciação e que, portanto, se realmente a economia chinesa arrastasse o resto do mundo, não haveria um plano B⁴. Contudo, além da existência de soluções possíveis, não parece muito saudável que o mundo inteiro dependa da média de crescimento chinesa. Não é bom para a América Latina, nem para o resto do planeta. Por outras palavras, se existe temor é porque existem dúvidas de que a economia chinesa não pode continuar com uma conjuntura económica desacelerada, depois de fazer isso durante anos.

A visão destas mudanças, através dos índices de crescimento, revela que não são suficientes, já que as mudanças não são

meramente conjunturais, mas sim de carácter estrutural. O objetivo chinês é configurar um modelo de desenvolvimento e, neste sentido, Maurice Obstfeld, economista do FMI, considera que “a sua economia está a desacelerar a meio da transição de um modelo baseado no investimento e na manufatura para o consumo e o setor de serviços”, o efeito imediato, desta mudança, na economia mundial explica os temores expressados. Contudo, para entender a complexidade deste processo e os efeitos que pode ter a médio e longo prazo no resto do planeta, mais do que entrar em pânico, é preciso usar a análise e a reflexão.

É preciso seguir muito de perto o processo e entendê-lo como um horizonte de novas oportunidades, embora signifique importantes reajustes para os interessados em manter relações com o país. A mudança do modelo de desenvolvimento não fecha o mercado chinês, pois modifica os conteúdos e produtos de intercâmbio. Por isso, abrem-se novas possibilidades de fazer negócios, atrair investimento ou de cooperação com a China. Embora para isso seja iniludível a transformação também das economias interessadas neste intercâmbio. Não parece que possa ser de outra forma, pois já foi iniciada a “nova normalidade”.

⁴ Paul Krugman, “Quando a China tropeça”, http://economia.elpais.com/economia/2016/01/08/actualidad/1452269322_879119.html, 9/01/16.

4. DA DESLOCAÇÃO DA RIQUEZA MUNDIAL À DESLOCAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL II:

“A NOVA NORMALIDADE” E A SUA REPERCUSSÃO PARA OS PAÍSES EXPORTADORES DE MATÉRIAS-PRIMAS

A transição de uma fase para a outra é o que está a gerar uma mudança que pretende desembocar na nova normalidade: “mudar o modelo de crescimento, mudar o conceito de desenvolvimento, a maneira como crescemos, e centrar-nos mais na qualidade do que na velocidade”, como declarou Li Yuanchao, vice-presidente, durante uma intervenção no Fórum Económico Mundial em Davos (Suíça), em janeiro deste ano. De acordo também com as suas palavras, abre-se um novo período de “crescimento mais estável” e baseado numa maior diversificação dos setores que o suportam.

As consequências desta nova fase começam a fazer-se visíveis a partir de 2012, momento a partir do qual os preços dos produtos primários começam a cair e, como consequência, gera-se um efeito praticamente mecânico na drástica diminuição dos trepidantes índices de crescimento dos países exportadores destes produtos, entre os quais os latino-americanos. Aqueles que, durante uma década, e graças a esta procura chinesa, tiveram uma década de crescimento sem precedentes.

O motivo desta mudança baseia-se nas características que apresenta o novo modelo económico, já que necessariamente muda as prioridades do mercado chinês. A começar pelas exportações de matérias-primas. De facto, o setor secundário tradicional vai continuar a ser importante, mas não central. Aceita-se um menor dinamismo no crescimento e uma maior dependência do consumo interno. Para tal, é necessária uma mudança estrutural baseada no desenvolvimento de indústrias intensivas em conhecimento e tecnologia. Esta mudança económica é acompanhada de transformações sociais que se traduzem num processo de envelhecimento demográfico, urbanização e um aumento contínuo dos agregados familiares de classe média.

As palavras do Secretário-geral Xi Jinping expressam esta decisão de transformação, as suas características e as razões do mesmo: “...devemos ter claro que a nossa economia, apesar de ser muito grande em tamanho, não é forte, e o seu crescimento, embora rápido, não é de alta qualidade. Não é sustentável a modalidade de desenvolvimento extensivo resultante do crescimento económico, impulsionado principalmente pelo contributo de fatores, como os recursos naturais e a expansão da riqueza... o velho caminho é um beco sem saída.

“Devemos implementar a configuração de uma cadeia de inovação em torno da cadeia industrial”

“Onde está o novo caminho? Na inovação científica e tecnológica, e na transição para o crescimento impulsionado pelos fatores e a grandeza do investimento ao crescimento impulsionado pela inovação.” “Devemos implementar a configuração de uma cadeia de inovação em torno da cadeia industrial e aperfeiçoar a cadeia de fundos [financiamento] em torno da cadeia de inovação... devemos acelerar a inovação no produto, a marca, a organização industrial e a modalidade comercial”⁵.

Esta transformação estrutural obriga a América Latina não só a enfrentar os problemas a curto e médio prazo, decorrentes da contração da procura de matérias-primas, como também a transformação do seu próprio modelo económico. Um desafio que tem de ser contemplado como oportunidade.

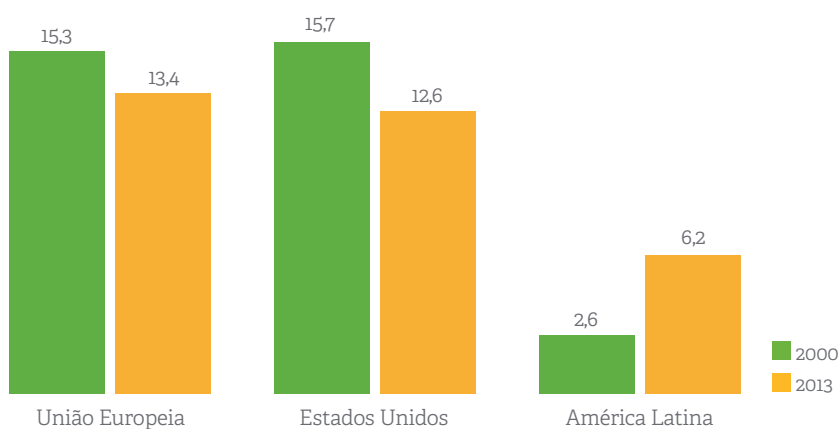
DA ÉPOCA DOURADA DA PROCURA DE MATÉRIAS-PRIMAS À CRISE ESTRUTURAL

Embora as relações entre a China e América Latina não se tenham iniciado recentemente, na realidade não existia uma tradição de relações entre ambos os agentes. Não obstante, o mais destacável é que só agora ambos se consideram parceiros estratégicos para o seu desenvolvimento económico ou social.

O processo de crescimento e desenvolvimento chinês é a causa fundamental deste encontro, a insaciável necessidade de matérias-primas exigidas pelo ritmo de crescimento do gigante oriental potenciou que a China prestasse atenção à região, considerada como uma reserva de recursos naturais e minerais. A isso acrescenta-se que a região era um mercado ideal para colocar as suas manufaturas de baixo custo, pois, em termos gerais, não existia um importante tecido industrial. Assim, a América Latina apresentava-se como um campo fértil para estabelecer relações comerciais que cresceram a uma velocidade vertiginosa. Isto explica as diferenças ao comparar a quota comercial chinesa para a UE, os Estados Unidos e a América Latina, no período 2000-2013 (Figura 1).

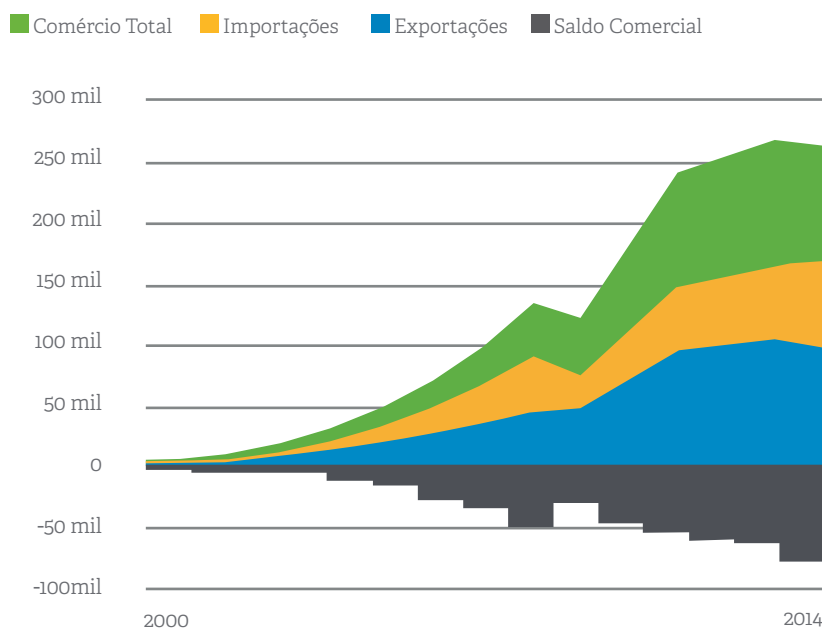
⁵ “Transição para o desenvolvimento impulsionado pela inovação”, Fragmentos do discurso pronunciado na XVII Assembleia de Membros da Academia de Ciências da China e a assembleia de membros da Academia de Engenharia da China, em Xi Jinping, a governação e a administração da China, Edições em línguas Estrangeiras Cia. Ltda., Pequim, China, 2014.

Figura 1. Evolução da quota comercial chinesa para UE, EUA e América Latina, 2000-2013



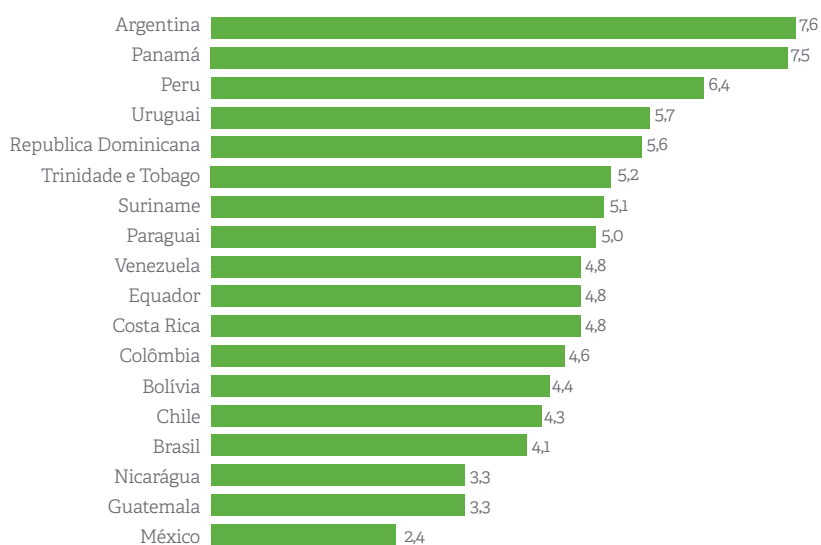
Fonte: UN comtrade

Figura 2. Comércio de bens de ALC com a China, 2000-2014
(Em milhões de dólares)



Fonte: CEPAL

Figura 3. Taxa de crescimento médio para o período 2003-2011 de países selecionados da América latina e Caraíbas



Fonte: FMI

Os intercâmbios comerciais entre ambas as economias avançaram a um ritmo superior a 150% ao ano e multiplicaram-se 21 vezes entre 2000 e 2013, alcançando os 275.000 milhões de dólares anuais. A participação da China nas exportações da região passou de 1% a 10% e, nas importações, de 2% a 16% no período indicado. Embora as relações comerciais da China com o resto do mundo também avançassem a grande velocidade, com a América Latina isto era mais acentuado, o que possibilitou que a região aumentasse a sua quota comercial sobre o total do país asiático de 2,6% a 6,2%, enquanto a UE perdia de 15,3% para 13,4% e os EUA de 15,7% para 12,6%⁶ (Figura 2).

Esta relação comercial tem um efeito imediato no crescimento económico dos países latino-americanos. A procura de matérias-primas elevou os preços e, como consequência, os benefícios da região. Esta bonança contínua refletiu-se de imediato nos índices de crescimento latino-americano por países. Neste sentido, se por si só a média regional já é significativa, pois o ritmo neste período foi de 5,4%, é ainda mais chamativa se a compararmos com a média na OCDE, que não superou 2,3% (Figura 3).

⁶ UN Comtrade.

A crise financeira internacional de 2008 teve o seu efeito na América Latina, como se pode observar em todos os gráficos mostrados; contudo, a continuidade da procura chinesa permitiu não só que os efeitos fossem mais moderados, como também uma rápida recuperação. Assim, enquanto na OCDE, a recessão foi de 3,4%, na região latino-americana, a produção caiu 1,9 %.

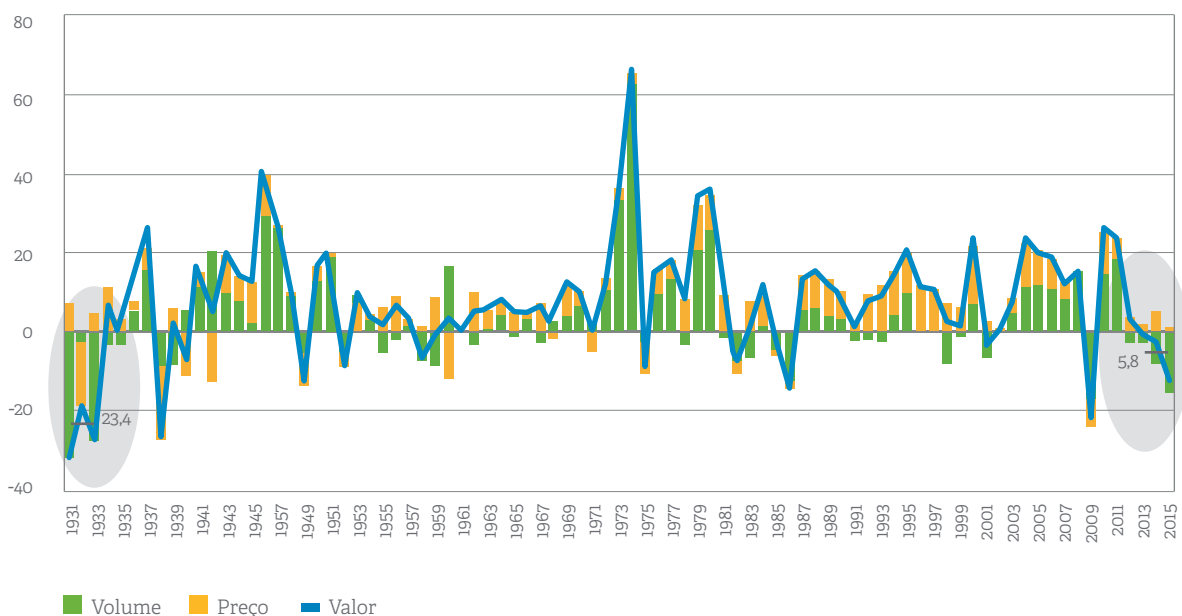
A CRISE CONTRAPOSTA PELA "NOVA NORMALIDADE": A QUEDA DOS PREÇOS DAS MATÉRIAS-PRIMAS

Com efeito, enquanto a região pôde resistir ao embate da crise

mundial, pela continuidade da procura chinesa, não foi possível manter a mudança de ritmo dessa procura. Uma mudança diretamente relacionada com o novo modelo produtivo, de acordo com os pressupostos nos quais concebeu a nova normalidade.

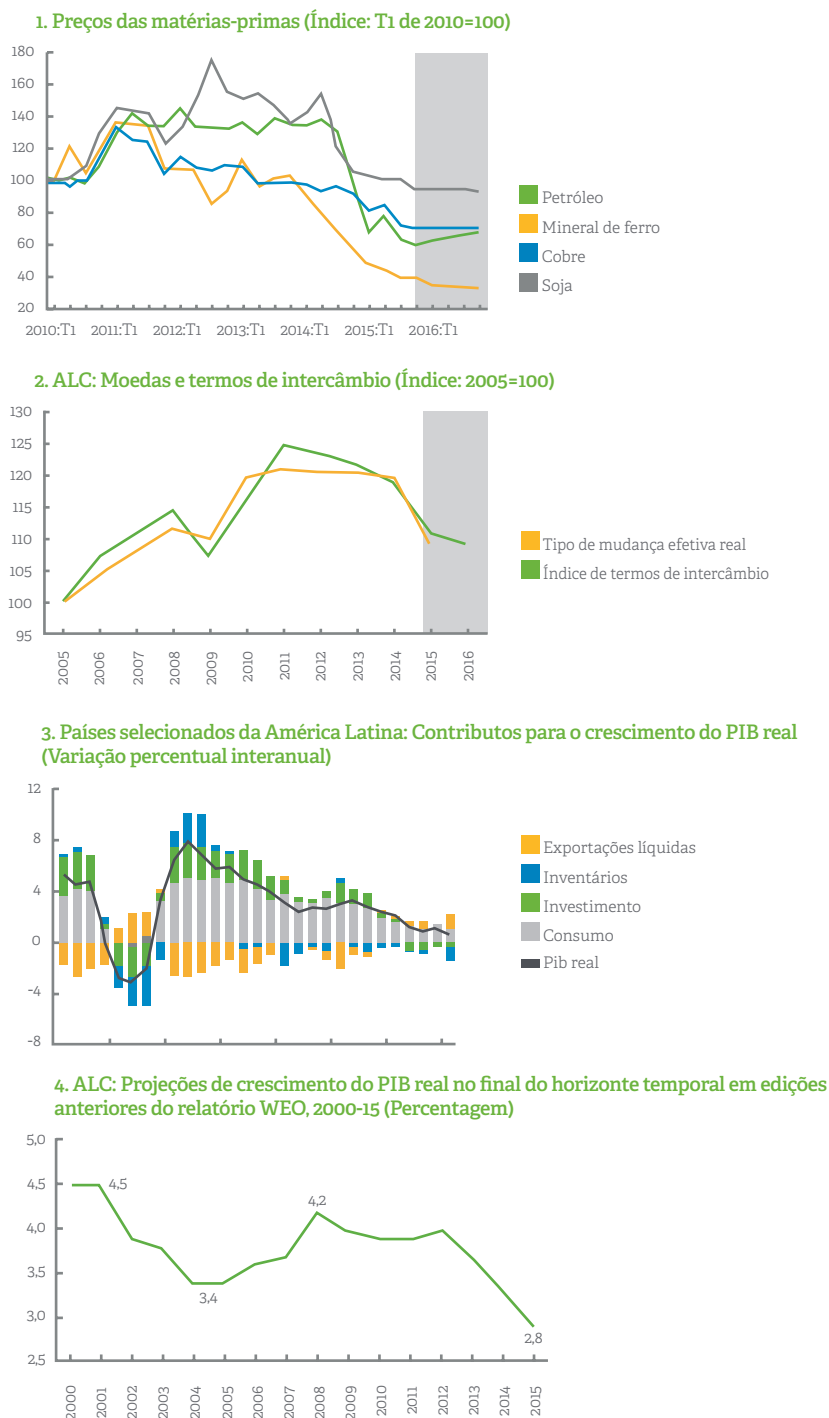
A consequência direta foi uma súbita contração da procura das matérias-primas e, portanto, dos seus preços. Um fator que incidiu diretamente na descida contínua das exportações na região desde 2012. Como observou a CEPAL, "entre 2012 e 2015, a região tem o seu pior desempenho exportador em 8 décadas".

Figura 4. América Latina e Caraíbas: variação da taxa de crescimento das exportações em valor e volume, 1931-2015



Fonte: A CEPAL, com base na CEPAL, "América Latina: relação de preços de intercâmbio". Cadernos Estatísticos da CEPAL, Nº 1. Santiago, 1976 e dados de índices regionais.

Figura 5. Atividade económica na América Latina e nas Caraíbas



Fonte: "Perspetivas económicas: As Américas, a ajustar sob pressão", outubro, 2015, <https://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/reo/2015/whd/pdf/wre01015s.pdf>

Não podia ser de outra forma: o nível de dependência da economia chinesa e das suas necessidades é um motivo transcendental, mas também a impossibilidade de encontrar uma potência que a substitua explica a dimensão do impacto que nas economias latino-americanas pode ter o novo modelo de crescimento chinês. O resto do mundo apresenta índices muito modestos de crescimento, em nenhum caso comparáveis à China. Não podemos esquecer que a economia que apresenta maior dinamismo, neste momento, é a dos Estados Unidos e está previsto que cresça este ano 2,6%. Quanto à zona euro, a sua recuperação continua a ser titubeante e o seu crescimento será de 1,7%, em 2016.

2015 é o quinto ano consecutivo de descida. Nos últimos anos, as economias regionais experimentaram taxas de crescimento relativamente baixas, entre 2% e 2,5% do PIB. Todos os organismos internacionais concordam em considerar "muito preocupante", a redução do crescimento em toda a região, como também declarou a ONU. De acordo com as suas previsões, o produto interno bruto apenas crescerá 0,7%, ou até menos, e novamente insiste em que o motivo principal é a queda dos preços das matérias-primas e o fraco aumento do comércio. É preciso ter presente que existe o risco de todo um efeito dominó, já que a redução da procura chinesa afeta diretamente os

produtos latino-americanos, mas também indiretamente, pois a contração do comércio, alimentado pela China, afeta também a Europa e, como consequência, a procura europeia dos produtos que adquire na América Latina⁷.

As previsões citadas do FMI são de outubro de 2015, e foi preciso realizar novas correções e retificar para baixo, para 2016. Assim, em janeiro, o FMI, afirmou que a região prosseguiria em recessão com uma queda de 0,3%, reduzindo 1,1 ponto percentual a sua previsão anterior. A previsão agora é de 3,4, para 2016, e de 2,9%, para 2017.

⁷ ONU, "Situação e Perspetivas da Economia Mundial, 2016".

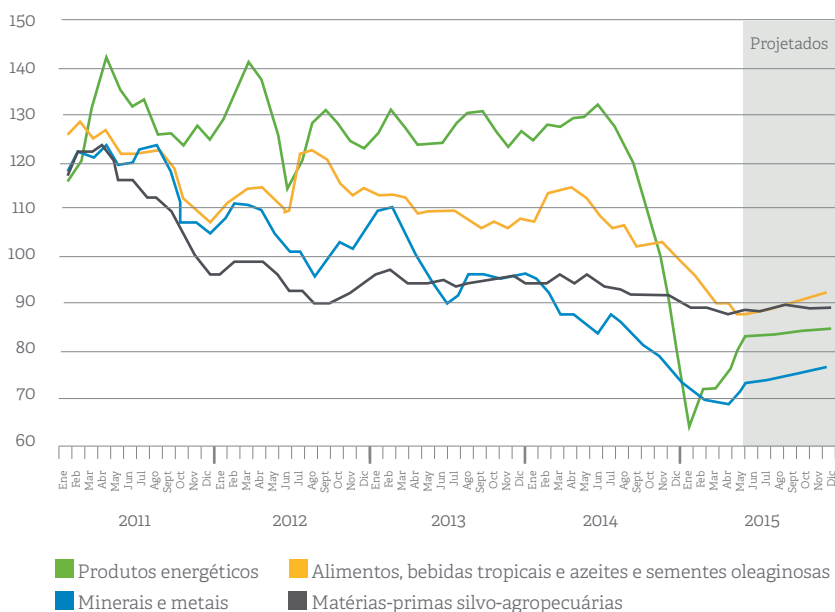
Esta correção deve-se fundamentalmente ao Brasil, cuja recessão está a demonstrar ser mais complicada e profunda do que inicialmente foi pensado, já que intervêm também fatores de carácter político e a incerteza gerada pelos casos de corrupção.

A HETEROGENEIDADE DA REGIÃO TAMBÉM SE MANIFESTA NA ATUAL CRISE

Certamente que a região enfrenta, na sua totalidade, a crise das matérias-primas, pois este modelo económico é dominante. Contudo, é certo que dentro deste padrão existem economias com maior ou menor nível de diversificação. Um fator que, sem dúvida, as posiciona melhor para enfrentar essa crise. Da mesma forma, dependendo das commodities exportadas, haverá economias mais ou menos afetadas. Em coerência com o novo modelo económico chinês, a descida da procura é mais acentuada em relação aos minerais ou combustíveis fósseis do que em alimentos. Também se pode verificar no seguinte gráfico, em que a descida dos preços mostra uma contração da procura maior nos minerais e combustíveis do que nos alimentos.

Isto explica a difícil situação de países exportadores de combustíveis fósseis, cujos preços estão a atingir mínimos históricos, como Venezuela, Equador, Colômbia e Bolívia. Os países mineiros, como Peru e Chile, também vão necessariamente ressentir-se com esta nova situação.

Figura 6. América Latina: índices de preços de produtos básicos de exportação, janeiro de 2011 a maio de 2015 (Base 2010=100)



Fonte: Comissão Económica para América Latina e as Caraíbas (CEPAL), com base em valores oficiais.

Também os países com maior diversificação económica, como o Brasil, enfrentarão melhor essa crise do que aqueles países que possuem praticamente um único produto de exportação e contam com poucos produtos exportadores ou tecido industrial, como a Venezuela.

O nível de dependência da economia chinesa também explica que existam economias mais afetadas que outras. Neste sentido, a América do Sul é mais dependente deste mercado e portanto os seus indicadores económicos são piores que os dos países centro-americanos e o México, cujas economias dependem particularmente da procura dos Estados Unidos que, neste momento, começa a desfrutar de uma certa recuperação económica. Estes e outros motivos explicam que, apesar de toda a região enfrentar uma situação complicada e adversa, nem todos os países são afetados da mesma forma. Um aspeto que se pode verificar nos dados de crescimento do PIB, onde é revelada a heterogeneidade característica da região.

A REPRIMARIZAÇÃO DE UMA ECONOMIA BASEADA NA PRODUÇÃO DE MATÉRIAS-PRIMAS

Não é a primeira vez que a América Latina enfrenta uma crise semelhante. Na realidade, são crises cíclicas que vive desde a segunda metade do século XIX, período em que configura o seu modelo produtivo. Consciente das limitações desse modelo, também procurou modificá-lo. A proposta mais importante foi a tentativa de industrialização por substituição de importações, adotada na região após a II Guerra Mundial. Um modelo com escassos resultados que, em todo o caso, deu lugar a uma indústria financiada pelos Estados e muito pouco competitiva.

Figura 7. Últimas projeções do FMI (crescimento do PIB real, variação percentual anual)

	2013	2014	2015	2016
	EST.		PROJEÇÕES	
AMÉRICA DO SUL				
ARGENTINA	2,9	0,5	-0,3	0,1
BOLÍVIA	6,8	5,4	4,3	4,3
BRASIL	2,7	0,1	-1,0	1,0
CHILE	4,3	1,8	2,7	3,3
COLÓMBIA	4,9	4,6	3,4	0,1
EQUADOR	4,6	3,6	1,9	3,6
GUIANA	5,2	3,8	3,8	4,4
PARAGUAI	14,2	4,4	4,0	4,0
PERU	5,8	2,4	3,8	5,0
SURINAME	4,1	2,9	2,7	3,8
URUGUAI	4,4	3,3	2,8	2,9
VENEZUELA	1,3	-4,0	-7,0	-4,0
AMÉRICA CENTRAL				
BELIZE	1,5	3,4	2,0	3,0
COSTA RICA	3,4	3,5	3,8	4,4
EL SALVADOR	1,7	2,0	2,5	2,6
GUATEMALA	3,7	4,0	4,0	3,9
HONDURAS	2,8	3,1	3,3	3,4
NICARÁGUA	4,4	4,5	4,6	4,3
PANAMÁ	8,4	6,2	6,1	6,4
AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS	2,9	1,3	0,9	2,0

Fontes: FMI, Perspetivas da economia mundial (relatório WEO), e cálculos e projeções do pessoal técnico do FMI.

Nota: Os aglomerados regionais calculam-se como médias ponderadas pelo PIB em função da PPA, exceto se for indicado o contrário

“O desafio é transformar o modelo económico do século XIX para enfrentar uma crise do século XXI”

Neste momento, o desafio é fundamental porque transforma o mesmo modelo económico do século XIX para enfrentar uma crise própria do século XXI. Isto significa a necessidade de investir em conhecimento e novas tecnologias que garantam a diversificação da economia, entre outros aspetos.

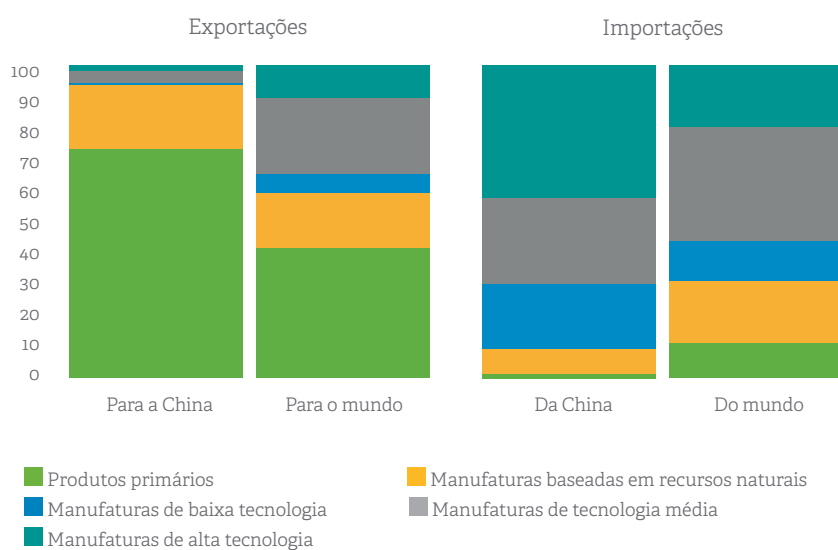
Certamente que as vantagens de comercializar com a China são muitas, tantas que nenhum país latino-americano, à margem da sua identidade política, resistiu a fazer negócios com o grande gigante asiático. Até as relações com este país foram instrumentalizadas politicamente, já que todos os governos, sem exceção, rentabilizaram essa relação. Para os governos que proclamam as

vantagens do mercado livre, foram assinados TLC e praticaram abertamente uma relação baseada no comércio livre. Pelo contrário, para os governos ALBA, esta relação apresenta-se como uma rutura com as hegemónias tradicionais em vantagens comparativas.

Contudo, além do discurso político, para muitos especialistas como Margaret Myers, diretora do programa China e América Latina do centro de pensamento Diálogo Interamericano, a relação com os asiáticos traria "mais vantagens do que desvantagens para o desenvolvimento da América Latina", em assuntos como infraestrutura e tecnologia, entre outros aspetos.

Assim, além das vantagens existentes e potenciais, também ocorreram efeitos negativos como a reprimarização do modelo económico. Desta forma, o que a curto prazo proporcionou mais benefícios, a médio e longo prazo é um autêntico retrocesso, a partir de um modelo de desenvolvimento que alguns autores chamaram de “neoestrativista”. Neste modelo, a atividade económica não se concentrou apenas na produção de matérias-primas, mas também em muito poucos produtos. Isto favoreceu a consolidação de uma relação comercial com a China, marcadamente assimétrica, superior à existente entre a América Latina e outros países com os que também mantêm relações comerciais.

Figura 8. Exportações de ALC para o mundo e para a China por intensidade tecnológica, 2013 (Percentagem)



Fonte: Comissão Económica para América Latina e as Caraíbas (CEPAL)



Até 2012, do total de exportações da América Latina e Caraíbas para a China, 69% concentrava-se em bens primários e 24% em manufaturas baseadas em recursos naturais. As manufaturas com baixo, médio e alto conteúdo tecnológico representam apenas 2%, 3% e 2% respetivamente. Com a exceção da Costa Rica (cujas principais exportações para a China são circuitos eletrónicos), para a Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai, as exportações estão concentradas em produtos de soja, minerais ou petróleo cru, de acordo com o produto básico disponível em cada país. As importações da América Latina e Caraíbas provenientes da China, em 2012, concentravam-se em manufaturas com alto conteúdo tecnológico (41 %); as de conteúdo tecnológico médio representam 27 %⁸.

5. DIVERSIFICAÇÃO, CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO: CHAVES PARA A RELAÇÃO AMÉRICA LATINA/CHINA

O facto de que agora a causa de todos os males latino-americanos seja a China não significa que a região deva abandonar a sua relação com esta potência. O certo é que, embora existisse alguma vontade, neste sentido, não se pode dar a esse luxo. Não seria a opção mais realista nem a melhor. Em primeiro lugar, porque não trava, a curto prazo, uma potência que vá procurar externamente o volume de matérias-primas, como fez a China. Em segundo, porque na medida em que este modelo económico não é sustentável, ainda no caso pressuposto de que existisse uma nova potência similar, mais tarde ou mais cedo regressaria a uma situação de crise, como

⁸ Un estudio publicado por el diario mexicano El Financiero, aporta ejemplos alarmantes del grado de dependencia sudamericana de las materias primas. Según el diario, estos datos son de diciembre del 2014:

Venezuela depende de las materias primas para el 98 por ciento del valor de sus exportaciones totales. El país no produce prácticamente nada que no sea petróleo, hierro y aluminio.

Ecuador depende de las materias primas para el 86 por ciento de sus exportaciones totales. La mayor parte de lo que exporta es petróleo, bananas y flores.

Colombia depende de las materias primas para el 79 por ciento de sus exportaciones totales. La mayor parte de sus exportaciones son petróleo, carbón, café, oro y flores.

Bolivia depende de las materias primas, principalmente petróleo y plata, para el 72 por ciento de sus exportaciones totales.

Argentina y Perú dependen de materias primas y manufacturas de origen agropecuario para el 70 por ciento de sus respectivas exportaciones totales.

Chile depende de las materias primas, principalmente cobre, para el 63 por ciento de sus ingresos de exportación.

Brasil depende de las materias primas para el 52 por ciento de sus exportaciones.

<http://www.elnuevoherald.com/opinion-es/opin-col-blogs/andres-oppenheimer-es/articulo32743806.html#storylink=cpy>

“A mudança da procura tem de ser interpretada como uma oportunidade para se reinventarem ”

a que está a ter lugar neste momento. Com um problema acrescentado, entretanto o resto do mundo teria avançado e a região latino-americana não o teria feito, devido às características que apresenta este modelo económico. Definitivamente, é preciso insistir que a relação com a China não é apenas uma oportunidade, mas também é iniludível, e a América Latina deve saber aproveitá-la.

Para isso, as possibilidades de crescimento e progresso passam por uma condição *sine qua non*, o sistema de exportação de produtos primários sem valor acrescentado não pode continuar a subsistir na economia atual. A América Latina precisa de um sistema económico sustentável e para isso tem de enfrentar uma mudança de carácter estrutural

Como afirma Jorge Cachinero, “a mudança da procura do gigante chinês tem de ser interpretada pelos países da região como uma oportunidade para se reinventarem e agregarem mais valor às suas exportações. Isto poderia ser conseguido através de reformas estruturais que elevassem os atuais níveis de produtividade e competitividade. Desta forma, poderia superar-se a dependência atual das suas matérias-primas”⁹. Sem dúvida que este desafio não é uma tarefa simples.

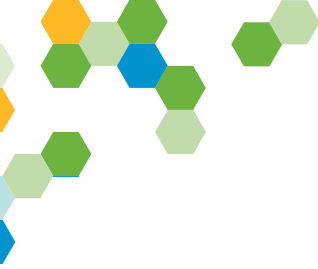
A mesma natureza das mudanças determina a sua complexidade e também requer grandes investimentos, embora “como acontece tantas vezes, agora não existam fundos públicos para financiá-las”¹⁰. Por este motivo, não só não é possível prescindir do mercado chinês, como também dos seus investimentos, já que também são necessários para financiar essas políticas.

Para essas reformas existe absoluta concordância, tanto por organismos internacionais como por especialistas, na necessidade de desterrar definitivamente uma economia meramente extrativista e nos elementos necessários para alcançar um desenvolvimento competitivo e sustentável. O investimento em conhecimento, infraestruturas, tecnologia, segurança ambiental, eficiência energética, tudo é imprescindível para transformar o modelo económico. Contudo, não parece tão claro em que âmbito produtivo é necessário aplicar todos estes elementos.

Talvez a chave esteja no conceito de economia circular, mais do que no âmbito produtivo em que seja preciso investir. Com efeito, há que implantar este conceito de economia circular com a finalidade de assegurar um melhor uso dos recursos naturais da

⁹ J. Cachinero, op. Cit.

¹⁰ Federico Steinberg, “Lo que nos deja el ciclo de las commodities en América Latina”, 8 de febrero de 2016, <http://www.infolatam.com/2016/02/08/lo-que-nos-deja-el-ciclo-de-las-commodities-en-america-latina/>.



“América Latina pode ser competitiva e desenvolver uma economia sustentável”

região. Investindo nos âmbitos contemplados para impedir que todos estes recursos, ouro, cobre, prata, etc. saiam da região. O resultado não é apenas o risco de que se esgotem, mas também de não serem usados noutros setores para garantir a criação dessa economia circular, já que tudo se exporta, tal como se extrai. Neste conceito de economia trava-se um debate que não traz necessariamente muitas soluções. Neste sentido, o desafio não é, portanto, se há que dirigir todos os esforços para a criação de um tecido industrial e levar a cabo um processo sistemático de industrialização, como se aponta com certa insistência. A chave radica em que, mais do que se é na agricultura, indústria ou serviços que se concentra a atividade económica, se apliquem os critérios de uma economia circular alimentada através do conhecimento, a tecnologia, infraestruturas, etc., que permitam tornar sustentável qualquer atividade económica.

De acordo com esta abordagem, as mudanças a introduzir não significam necessariamente a transformação da matriz produtiva, mas sim a sua reforma. Isto significa que a América Latina pode ser competitiva e desenvolver uma economia sustentável, mantendo até economias eminentemente agrícolas ou mineiras. Contudo, seja qual for a atividade económica, é preciso dar valor acrescentado aos produtos e garantir margens de diversificação, pelo que o

conhecimento, a tecnologia e a qualificação da mão-de-obra são fundamentais.

Diversificar produtos e mercados de exportação, e dar maior valor acrescentado às vendas no exterior é uma tarefa fundamental. Com estes critérios, é preciso analisar o mercado internacional e desenvolver a atividade produtiva solicitada por esse mercado. Em relação à China, a produção agrícola, nos critérios em questão, pode ser uma magnífica alternativa.

É preciso ter em conta que a China apenas possui 7% de terras cultiváveis e 6% dos recursos hídricos do mundo para alimentar 22% da população mundial. Como consequência, a agricultura e a agroindústria são mercados cheio de oportunidades para a região latino-americana. São maximizados se tivermos em conta a transformação não só económica, mas também social que está a ter lugar na China. O mesmo desenvolvimento do país está a aumentar, de maneira acelerada, a população urbana e a classe média. Um processo social que é acompanhado de mudanças nos hábitos alimentares. Como já se manifesta, deteta-se uma mudança nas exigências dos novos consumidores, traduzidas na diversificação da alimentação e na sua qualidade. Por este motivo, verifica-se um aumento da procura de proteínas, de alimentos processados, maiores exigências de qualidade e propriedades especiais.

**“Trata-se de
impulsionar na
América Latina
um novo modelo
produtivo”**

O setor dos serviços é outro âmbito de grandes oportunidades que a região também não pode desaproveitar, como o turismo, já que milhões de chineses também estão a mudar a sua forma de lazer, graças à sua nova condição de classe média.

De acordo com este novo mercado e as suas inúmeras oportunidades, é preciso entender a transformação económica que tanto pode ocorrer sem mudar a matriz produtiva, mas assegurando a diversificação, a agregação de valor e o processamento de produtos agrícolas, para o que será preciso conhecimento, tecnologia, infraestrutura produtiva, transporte e logística.

Outro dos aspetos principais neste sentido, como reconhece a própria Secretária Executiva da CEPAL, Alicia Barcena, é a integração regional, pois essa integração multiplica as possibilidades de aumentar mercados e proporciona capacidade negociadora à região, neste caso perante a China.

6. QUE PAPEL TEM A CHINA NA TRANSFORMAÇÃO DO MODELO PRODUTIVO?

Se, como já se afirmou, a América Latina não pode prescindir da China, nem neste momento, nem no futuro, por sua vez, a China também não mostrou intenção de abandonar as relações com a região.

Não obstante, haveria que pensar no seu nível de complementaridade. Se até agora era muito alto, na medida em que mudou a sua procura, haveria que pensar se a China seria, então, o melhor cliente. O certo é que, se a América Latina necessita também da China, neste momento, é fundamentalmente para impulsionar uma mudança no seu modelo produtivo e, certamente, até agora, os interesses chineses não contribuíram demasiado nesse sentido. A assimetria no intercâmbio comercial e a concentração dos investimentos chineses fundamentalmente em explorações mineiras ou infraestruturas pensadas mais nos interesses chineses não favoreceram a mudança necessária.

Trata-se, assim, de tentar modificar os termos da relação comercial e investidora chinesa para impulsionar na América Latina um novo modelo produtivo. Não pode ser desaproveitada a experiência acumulada após os anos de bonança: “O que aprendemos até agora é que o comércio mundial ou a receção de investimentos estrangeiros diretos não são suficientes. É preciso fazer mais para aproveitar plenamente esse comércio e investimento”. Esse aproveitamento passa necessariamente pelo facto da relação entre a América Latina e a China ser “mais simétrica”.

¹¹ Declaraciones de Augusto de la Torre, Economista en Jefe del Banco Mundial para la región.



Com esta nova relação seria favorecido “um modelo que seja mais competitivo, de inserção em cadeias globais com mais valor acrescentado, mais tecnologia, mais inovação e criação de emprego de melhor qualidade”, como declarou Enrique Garcia, Presidente do Banco de Desenvolvimento de América Latina (CAF)¹².

De momento, o interesse da China pela região está mais do que demonstrado e não parece em absoluto que vá desaparecer. Para a CEPAL, existem cinco marcos que consolidaram os vínculos entre ambos e que demonstram o interesse da China. O primeiro foi o Livro Branco sobre as relações com a região, que apareceu em novembro de 2008. Um segundo marco foi a proposta de reforço das relações políticas, económicas e de cooperação que o, então, Primeiro-ministro Wen Jiabao colocou à região em junho de 2012. Um terceiro marco é constituído pela proposta de um ambicioso marco de cooperação para o período 2015-2019, conhecido como “1+3+6” e apresentado em julho de 2014 pelo Presidente Xi Jinping, no âmbito da primeira Cimeira América Latina e Caraíbas/China, celebrada em Brasília. Um quarto marco foi a aprovação do já mencionado Plano de Cooperação 2015-2019 entre os Estados membros da CELAC e a China. O quinto marco é a

visita do Primeiro-ministro Li Keqiang ao Brasil, Chile, Colômbia e Peru, em 2015.

Estes marcos não só demonstram este interesse, como também, ao examinar o conteúdo de declarações e de documentos, se deteta uma vontade explícita da China de contribuir, com estes planos de cooperação, para mudar o modelo económico latino-americano para a orientação que se deseja na região, um aspeto transcendental para que se possa realizar essa mudança. Neste sentido, existe uma intenção explícita e reiterada de contribuir para reverter a preocupante reprimarização exportadora da região, através do apoio para melhorar a produtividade, a inovação, a infraestrutura, a logística e a formação, assim como a capacitação de recursos humanos.

É preciso insistir na dupla oportunidade histórica que a China oferece à América Latina, caso se concretize, já que as suas autoridades se ofereceram para aumentar os fluxos de investimento e diversificá-los. Este investimento deveria dirigir-se para a infraestrutura, logística e conectividade, pois com isso não apenas seria possível redefinir as relações comerciais com a China, como também estimular um comércio intrarregional e a geração de cadeias regionais de valor.

¹² Presidente de CAF: América Latina y China deben buscar relación más simétrica, 5 de mayo de 2014, http://www.7dias.com.do/economia/2015/05/14/1188441_presidente-caf-america-latina-china-deben-buscar-relacion-mas-simetrica.html#Vrs4WVjhDIU



Contudo, esta possibilidade não depende só da China, pois, na verdade, a principal responsabilidade recai na América Latina. É preciso que, na região, se tomem iniciativas e criem propostas para dirigir estes investimentos, com a finalidade de conseguir que ainda sejam interessantes para a China, e também que se revertam no desenvolvimento latino-americano. Não é uma tarefa fácil. É preciso pensar quais as iniciativas que devem ser formuladas, como realizar essas propostas e como canalizá-las. Isso exige objeti-

vos claros sobre o modelo de desenvolvimento, coordenação multilateral interna latino-americana e acordos prévios entre os próprios governos latino-americanos.

Todas estas questões não estão claras nem asseguradas. A heterogeneidade de critérios e os pressupostos nacionalistas travaram muitas oportunidades de desenvolvimento na região. Se, de novo, este for um dos motivos para não poder aproveitar a oportunidade chinesa, apenas será responsabilidade da América Latina.

LLORENTE & CUENCA

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor Geral Corporativo
de Talento, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e Diretor Geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

RECURSOS HUMANOS

Daniel Moreno
Gerente de RH
para Espanha e Portugal
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de RH
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Karina Valencia
Gerente de RH
para América do Norte,
Centroamérica e Caraíbas
kvalencia@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de RH
para Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

Cink.

Sergio Cortés
Sócio, Fundador e Presidente
da Cink
scortes@cink.es

Calle Girona, 52 Bajos
08009 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

ESPAÑA E PORTUGAL

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente
de Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Ana Folgueira
Diretora Geral
de Impossible Tellers
ana@impossibletellers.com

Impossible Tellers
Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Lisboa

Madalena Martins
Sócia
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Carlos Ruiz
Diretor
cruiz@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

ESTADOS UNIDOS

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e Diretor Geral
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

MÉXICO, CENTROAMÉRICA E CARAÍBAS

Cidade do México

Juan Rivera
Sócio e Diretor Geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

Panamá

Javier Rosado
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis
Edifício Omega - piso 6
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor Geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Bogotá

María Esteve
Diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501
Tel. +57 1 7438000

Lima

Luisa García
Socia y CEO Región Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero – Edifício World Trade
Center – Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e Gerente Geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Daniel Valli
Diretor Sênior de Desenvolvimento
de Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor Executivo
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e Presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jcozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

Desenvolvendo Ideias.

www.desarrollando-ideas.com

www.revista-uno.com